

A INFORMAÇÃO DA FAMÍLIA INFLUENCIA O CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS NO USO DE PLANTAS MEDICINAIS?

ALMEIDA, Camila¹

BORGES, Anelise Miritz²

HECK, Rita Maria³

BARBIERI, Rosa Lia⁴

Introdução: O uso dos chás é uma prática muito antiga, que no decorrer dos anos foi sendo substituída por medicamentos industrializados, sendo que muitos deles tem como matéria prima as plantas medicinais. Entretanto, essa prática popular não desapareceu por completo, pois foi sendo transmitida de gerações a gerações no eixo familiar se constituindo em conhecimento empírico. A família tem sido reconhecida como uma importante instituição sólida e educadora que muito influencia os indivíduos, principalmente no que diz respeito a hábitos saudáveis e revela estreita associação entre a atividade desenvolvida pelos progenitores e a dos seus descendentes¹. A oficialização² do uso de plantas medicinais e fitoterápicos foi obtida através da criação do decreto nº 5.813 em 22 de junho de 2006, pelo Ministério da Saúde³, tornou-se uma política nacional norteadora quanto ao uso sustentável, eficaz e seguro das plantas em questão. Tal política veio a garantir uma das diretrizes preconizada pelo Siste-

ma Único de Saúde (SUS): a integralidade, ou seja, a implementação de práticas complementares depende de questões políticas, técnicas, econômicas, sociais e culturais. Desta forma, a expectativa em relação ao uso das plantas medicinais tomou perspectivas grandiosas, evidenciando a eficácia versus a segurança na manipulação das ervas, uma prática essencial no campo da promoção e recuperação da saúde⁴. **Objetivo:** propõe-se averiguar e analisar a influência das plantas medicinais na saúde de acadêmicos de enfermagem, perceber a influência da família nesta prática e conhecer as prováveis alternativas sugeridas pelos sujeitos do estudo, para o uso em especial da erva *Plectranthus neochilus* Schltr, conhecida como boldo gambá. O trabalho oportunizará também compreender o comportamento dos alunos quanto ao autocuidado, assim como o esclarecimento como manejo correto com as plantas medicinais, minimizando o impacto destas, quando utilizadas erroneamente. **Metodologia:** O presente trabalho

1 Enfermeira, Especialista em Práticas Assistenciais de Enfermagem FEU/UFPeL. E-mail: almeidakk@yahoo.com.br

2 Enfermeira, Graduada na UNISC. Atua no Hospital São Francisco de Paula Pelotas/RS.

3 Enfermeira, Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Pelotas. Doutora em Enfermagem pela UFSC. E-mail: heck@ufpel.tche.br

4 Bióloga, Pesquisadora da Embrapa Clima Temperado. Dra em Genética e Biologia Molecular/UFRGS. E-mail: lia.barbieri@gmail.com

contempla uma pesquisa do tipo exploratória, descritiva, com abordagens qualitativas e quantitativas. O desenvolvimento do trabalho foi dividido nas seguintes etapas: a) revisão bibliográfica sobre *Plectranthus neochilus*, abordando aspectos botânicos, características, indicação de uso e curiosidades. Além de família e influência da mesma para com os indivíduos. b) entrevista com a comunidade. c) confronto da revisão bibliográfica e o resultado das entrevistas. d) trazer os resultados para a comunidade e contribuir para a mesma. O estudo foi realizado na comunidade acadêmica do curso de Enfermagem e Obstetrícia na Universidade Federal de Pelotas - UFPel. Nesta pesquisa foram garantidos aos sujeitos o sigilo e anonimato, bem como o direito de desistirem de participar em qualquer momento e o livre acesso aos dados coletados, respeitando o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem de 2001 bem como a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da saúde, que trata de pesquisa envolvendo seres humanos. A população alvo contemplou um grupo de vinte e três alunos de ambos os sexos, pertencentes ao quinto semestre de enfermagem. Dentre a faixa etária destes, observa-se que tange entre 19 a 35 anos. Optamos pela série inicial por acreditarmos que os sujeitos possuem estreita interação com ciências que influenciariam o resultado do estudo. A coleta de dados realizou-se através de uma entrevista semi-estruturada, na qual aplicamos o instrumento da pesquisa – que era composto por questões abertas

sobre a temática pesquisada: o manejo das plantas medicinais, com maior ênfase ao boldo gambá, as respostas foram registradas em planilhas que continham o roteiro da entrevista, as quais foram posteriormente compiladas para melhor análise. **Resultados:** Dentre os participantes, pode-se observar a prevalência de idade entre os 19 a 24 anos, representando 70%. A maioria do público alvo, 78%, afirmou positivamente quanto ao consumo de plantas medicinais no combate de sinais e sintomas de possíveis enfermidades. A incidência quanto ao conhecimento sobre o boldo é de 91%. Esta porcentagem demonstra que os pesquisados já ouviram falar sobre a planta ou a conhecem, porém descarta a possibilidade quanto ao tipo herbáceo. Quanto ao manejo dos chás 44% não possuem embasamento científico ou outro conhecimento quanto à manipulação das plantas medicinais, 23% têm como influência no uso pelo menos um personagem do eixo familiar e 22% não responderam. Convém destacar que a prevalência do senso comum ainda é amplamente respeitada pelas pessoas que manejam os chás, dado visível no somatório das respostas que equivale a 25% dos participantes. Isso pode comprometer a saúde do indivíduo, bem como o tratamento, quando os saberes populares sobre as ervas se distanciam do comprovado, resultando em sintomatologias indesejáveis àqueles que as utilizam. Quando se associa a qualidade em saúde versus o uso dos chás, deve-se atentar quanto à forma de preparo e dosagens dentre outros aspectos. Quan-

do questionados a respeito do boldo: 31% dos entrevistados utilizam o chá de forma industrializada, 17% não sabiam a origem do mesmo, 17% não consomem o chá, 17% respostas nulas, 14% de forma caseira e 4% adquirem de ambulantes. Dentre aqueles que não consomem o chá de boldo, estão 17% apenas, sendo que estes citam o uso de outros chás. Já 4% não responderam à questão. Quanto à forma de preparo do chá 40% o utilizam sob forma de infusão, 26% fervem a água com as folhas da planta, 17% não consomem o chá e 4% utilizam água filtrada, macerando suavemente as folhas, coloca em um copo, deixa-o na água por aproximadamente 20 minutos, para então ingerir. A consciência quanto ao manejo correto das plantas medicinais é evidente pelo grupo, pois 78% apontaram a necessidade do conhecimento sobre as herbáceas. Quando solicitado o entendimento sobre o consumo dos chás versus o autocuidado e a automedicação, a maioria associou a utilização das herbáceas a uma prática cultural muito vinculada ao ato de cuidar-se. Destacaram também a conscientização quanto à necessidade de associar os saberes científicos àqueles informais e, respeitar as orientações seguras dos profissionais de saúde, para que a prática do autocuidado não se torne uma automedicação. **Considerações finais:** A planta medicinal⁵ se tornará um medicamento somente quando for utilizada corretamente, avaliando o seu potencial de risco a intoxicações e efeitos colaterais e, esse conhecimento, embora comum dentro da família, não deve ser empírico quando

praticado no exercício profissional. Quanto ao uso de plantas medicinais pelos futuros enfermeiros, percebe-se a necessidade de um trabalho educativo para que esta ação se propague dentro dos princípios legais.

Referências

1. Seabra AF, Mendonça DM, Thomis MA, Anjos LA, Maia JA. Determinantes biológicos e sócio-culturais associados à prática de atividade física de adolescentes. Caderno de Saúde Pública. 2008; 24(4): 721-736. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 23 ago. 2008.
2. Rodrigues AG. Políticas públicas em plantas medicinais e fitoterápicos. Jornada de economia da saúde. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/3_ciclo2006-apres02.pdf. Acesso em: 13 maio 2008.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. - Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 92 p.
4. Simões CM, Mentz LA, Schemkel EP, Irgang BE, Stehmann JR. Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul. 5. ed. Porto Alegre: Universidade/ UFRGS, 1998. 593 p.
5. Lorenzi H, Matos FJA. Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas. Nova Odessa-São Paulo, 2002, 512p.